

## HISTÓRIA ORAL: UMA BUSCA PELA PALAVRA NÃO-ESCRITA.

**Alunas: Juliana Cordeiro de Farias e Luciana dos Santos**  
**Orientadora: Margarida de Souza Neves**

### Introdução

A PUC-Rio desde a sua origem é uma universidade de pesquisa. É também uma das universidades pioneiras no que diz respeito à Pós Graduação no Brasil: alguns de seus Programas de Pós-Graduação já completaram 40 anos de existência. A PUC-Rio busca, em sua história, a excelência e a inovação acadêmica na área de ensino e pesquisa. Estes são traços de suas atividades de Graduação e de Pós-Graduação.

Consciente da importância de construir uma memória institucional para a formulação de projetos futuros desta Universidade, a CCPG - Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa da PUC-Rio -, desde o ano de 2006, coordena em parceria com o Departamento de História o *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, que tem como objetivos pesquisar, recolher, selecionar, sistematizar, cadastrar e publicar em seu *site* (<http://www.ccpg.puc-rio.br/memoriapos>) registros da memória da Universidade. Até então dispersos nos vários acervos dos departamentos ou mesmo em acervos privados, está agora à disposição da comunidade acadêmica e demais pesquisadores. A partir do ano de 2007 o Núcleo ampliou suas atividades também para a Graduação, mantendo-se vinculado à Vice-Reitoria Acadêmica.

O *Núcleo de Memória da PUC-Rio* é virtual, dinâmico, está em constante atualização, plural e descentralizado. Ele assume a feição de um **lugar de memória**, no sentido que esse conceito ganha na formulação do historiador francês Pierre Nora [1], ou seja, no tríplice sentido de ser um **lugar físico** de construção da memória, um **lugar cuja função** é fazer memória e um **lugar simbólico** da memória institucional da Universidade. Através dos seus diferentes usos e serviços voltados à comunidade acadêmica, o Núcleo é reconhecido institucionalmente como **lugar de memória** da Universidade, servindo de referência para toda a PUC-Rio e para os demais pesquisadores.

O Relatório Anual descreve as atividades desenvolvidas pelos bolsistas do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* do período de 01 de maio de 2007 a 31 de maio de 2008. O Núcleo, sob a coordenação da professora Margarida de Souza Neves e da pesquisadora Silvia Ilg, conta com uma equipe composta pelo assistente técnico Clóvis Gorgônio, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos bolsistas de Iniciação Científica Anna Koscheck, Eduardo Gonçalves, Juliana Cordeiro de Farias e Luciana Santos. Ele se divide em duas partes. A primeira, o Relatório Técnico, de caráter descritivo, apresenta as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa como um todo e as contribuições pessoais de cada um para o Núcleo. A segunda parte, o Relatório Substantivo, apresenta um texto consolidando o trabalho de cada pesquisador até o momento.

### Relatório Técnico

#### Atividades da equipe:

A participação da equipe no Projeto pressupõe tarefas principais como:

01. A localização, a coleta de documentação escrita, iconográfica, filmográfica, registros sonoros e documentos tridimensionais diretamente e indiretamente relacionados ao tema do Projeto;

02. A seleção, tratamento, catalogação e a sistematização do material documental através da digitalização e do cadastro em metadados;

03. A produção de entrevistas orais e áudio-visuais e de material para divulgação;

04. A manutenção e atualização do *site* institucional do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*;

05. A realização de seminários teóricos sobre Memória, Identidade e História, sobre a Pós-graduação e a pesquisa no Brasil;

06. A realização de encontros semanais com a participação do grupo de pesquisadores tendo como principais objetivos debater textos relevantes através da realização de seminários, sistematização da agenda de tarefas semanais dos bolsistas, troca de experiências sobre o cotidiano das visitas, entrevistas e dos trabalhos realizados nos Departamentos, Centros, Decanatos, Vice-Reitoria e Reitoria da PUC-Rio, para sanar as dúvidas que possam surgir sobre as rotinas de trabalho do Projeto;

07. Outras atividades:

7.1 Lançamento do *site* do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* em 25/07/2007;

7.2 Palestra da coordenadora do Núcleo de Memória, professora Margarida de Souza Neves para alunos e professores do Departamento de Informática, intitulada "**Pesquisa e Pós-Graduação na PUC-Rio: História e Memória**". A palestra fez parte das comemorações dos 40 anos do Mestrado em Informática. (18/04/2008, Auditório do Decanato do CTC)

7.3 Participação no Seminário de Preparação do PDI 2008/2012 - Pós-Graduação da PUC-Rio nos dias 28 e 29/04/2008 em Itaipava.

### **Atividades Individuais: Juliana Cordeiro de Farias**

No período que compreende este relatório (novembro de 2007 a agosto de 2008), realizei as seguintes atividades abaixo:

#### **1. Visitas a acervos da PUC-Rio:**

- Reitoria;
- Projeto Comunicar;
- Decanato do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH);
- Instituto de Administração e Gerência (IAG);
- Escritório Modelo de Arquitetura e Design;
- Núcleo de Estudos e Ação Sobre o Menor (NEAM);
- Departamento de Artes e Design (DAD);
- Departamento de Engenharia Metalúrgica (DCMM);
- Departamento de Matemática (MAT);
- Departamento de Química (QUI);
- Departamento de Comunicação Social (COM);
- Departamento de Engenharia Mecânica (MEC);
- Solar Grandgean de Montigny.

Depois de realizada cada visita, o quadro com os nomes dos Departamentos afixado na sala do Núcleo (302-K), é atualizado para manter em dia as frentes de trabalho que estão ocorrendo. É necessário também descrever o relato de cada visita feita e dos documentos localizados nos arquivos digitais armazenados no diretório do Núcleo (MPGPUC). Abaixo,

encontra-se a lista de documentos encontrados no Decanato do CTCH no dia 03 de janeiro de 2008.

**Lista de Documentos do Decanato do CTCH - PUC-Rio**

**Pesquisadora: Juliana Cordeiro de Farias**

**Material encontrado no armário da secretária Maria Loureiro em 03/01/2008:**

Plano de carreira docente

Anos: 2004 a 2007

Relatório do corpo docente do quadro principal, feito em 2006, sobre o biênio 2004/2005

Regulamento dos programas da pós-graduação

Ano: 2002

Imagem corporativa

Estatuto e regimento

Anos: 1988 a 2002

Manual do professor – edição simplificada

Anos: 85, 86 e 92

Anuário de 1988

Regulamento dos programas lato sensu

Anos: 79 a 2005.

Manual da pós-graduação – informação para alunos

Ano: 1979

Normas para apresentação de teses e dissertações

Anos: 1980 a 2001

Instrução regimental de 70 – primeiro número

Estatutos

Anos: 1965, 1950, 1962, 1970 e 1972

Regimento

Anos: 1970 a 1972

Série estudos públicos – serviço de psicologia aplicada PUC – Rio

Ano: 1982

Regulamentação da carreira docente

Ano: 1971

Plano diretor

Ano: 1984 (maio/junho)

## 2. Filmagens:

- Laboratórios de Química e de Metalúrgica para registrar e identificar os equipamentos mais antigos relacionados pelos funcionários e professores responsáveis.

## 3. Entrevistas e transcrições:

- Transcrição das entrevistas feitas com o senhor Georg Herz – funcionário da empresa Burroughs, responsável pela instalação do primeiro computador na PUC-Rio – e com os professores José Carmelo (EDU), Paulo Fernando Carneiro de Andrade (Decanato do CTCH). Vide o exemplo abaixo:

### **Transcrição da entrevista do Georg Herz feita por Silva Ilg na sua casa no Leblon, em 25 de outubro de 2007.**

- Sílvia Ilg – Enfim Sr. Georg, sobre a origem...

- Georg Herz – Eu nasci no dia 25 de janeiro de 1933, que é por acaso o dia em que Hitler assumiu a campanha nazista. A partir daí os judeus foram perseguidos na Alemanha. Ficamos na Alemanha até o fim de 1939, quando ela já tinha invadido a Polônia. Meu pai esteve no campo de concentração de [trecho incompreensível] e naquela época já era extremamente difícil, se não impossível, você sair da Alemanha ou dos países ocupados. Mas através de artifícios... pagar oficiais alemães, inclusive no Brasil não era fácil os judeus entrarem já que Getúlio a princípio era favorável aos fascistas. Mas isso tudo se resolveu e então eu cheguei ao Brasil efetivamente em 1940, ou seja, com 6, 7 anos. Aqui eu fiz o primário científico e o ginásio científico em colégios brasileiros e depois a minha formação em Engenharia Eletrônica foi nos Estados Unidos, pois na época aqui não havia Engenharia Eletrônica. Quando eu fiquei lá 06 anos eu fiz o Bacharelado na [trecho incompreensível] e quando eu voltei fui contratado pela Burroughs porque ela estava iniciando negociações com a PUC para importação de um computador eletrônico. Eu preciso ressaltar que naquela época a Burroughs, como praticamente todas as empresas do ramo, eram fornecedoras de máquinas eletromecânicas, sobretudo máquinas de banco, máquinas de somar e máquinas de autenticar bancos. E isso então era uma grande novidade e a Burroughs não tinha nenhum engenheiro eletrônico e eu fui entrevistado e passei nessas entrevistas. Fui contratado para instalar e participar das negociações desse computador para PUC.

- Sílvia Ilg – Um dado na sua formação já me chamou a atenção: era bastante curioso encontrar uma pessoa no final dos anos 50 no Brasil que tivesse o interesse e efetivamente tivesse feito um Mestrado. Essa busca, a formação da Graduação e do Mestrado, o que o levou a fazer um curso de Mestrado, de Pós-Graduação, porque isso não era um panorama típico do Brasil.

- Georg Herz - O que me levou foi... eu me formei com notas muito boas na Universidade de Siracusa, no Estado de Nova York. Era uma Universidade muito boa em Engenharia e ela me fez uma oferta em [trecho incompreensível], se eu desse aulas lá eu poderia fazer os dois anos complementares de graça. Efetivamente eu aceitei isso, já que naquela época eu não tinha a mínima noção do que eu seria [trecho incompreensível]. Certamente não pensava em

computadores, embora já se trabalhasse naquela época com um tipo de computadores que calculava distribuição de energia elétrica, computadores digitais ainda não eram disseminados.

- Sílvia Ilg – Esses que são chamados computadores eletrônicos?

- Georg Herz – Esse também era eletrônico, mas era um analisador de circuito que se chamava. Aí eu fui contratado pela Burroughs...

- Sílvia Ilg – Já de volta ao Brasil?

- Georg Herz – Já de volta ao Brasil eu trabalhei um ano numa outra firma não sei... e aí se iniciaram as negociações entre as partes envolvidas, principalmente a PUC e a Burroughs. Não é fácil a gente se deslocar para 1958 e 1959, ou seja, falar em computador naquela época era um completo absurdo. Como está dito naquele artigo, todo mundo dizia que o Brasil certamente já não estava pronto para entrar na era da computação eletrônica por várias razões: não havia experiência, não havia outros computadores, não havia analistas, não havia programadores e por não haver técnicos de manutenção. Nessa época então o Doutor Carlos Alberto Del Castilho, que tinha uma grande inclinação pela educação, foi aos vários fabricantes que na época eram IBM, [trecho incompreensível] e depois a Burroughs, e perguntou se estavam interessados em alguma forma de prover para PUC um computador. Todos disseram que não, exceto a Burroughs. O Doutor Del Castilho até perguntou: “Porque que vocês estão interessados em uma coisa dessas se todos os outros fabricantes estão dizendo que não estão interessados?”. E aí o Presidente da Burroughs que era o senhor [trecho incompreensível], disse: “Exatamente pela razão em que os outros não estão interessados nós estamos”. E aí começaram as negociações de como levantar o dinheiro. 800 mil dólares que era o custo desse computador naquela época era muito dinheiro e certamente a PUC não tinha esse dinheiro, que era muito menor do que hoje. Então se teve a idéia de se formar um consórcio de várias entidades que pudessem utilizar esses computadores. Entrou nesse consórcio o Ministério do Exército, o Conselho Nacional de Pesquisa, a Comissão de Energia Nuclear, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Burroughs e a PUC. A PUC não entrou com dinheiro, entrou com o local e a instalação. Chegou-se a conclusão de como conseguir esse dinheiro, mas o Brasil naquela época estava muito apertado de divisas.

Então foi um processo extremamente complexo [trecho incompreensível], me lembro de um órgão de importação e Banco do Brasil para levantar [trecho incompreensível] dólares. Depois de grandes batalhas finalmente em 1959 se conseguiu todas as licenças necessárias, todo mundo pagou o que tinha que pagar, e se teve umas medidas para importar esse computador da Califórnia – a fábrica da Burroughs era em Passadena . Aí veio o grande problema de como transportá-lo. Não havia aviões como hoje, o avião maior que existia naquela época era um DC7C especializado em carga. Então nós alugamos um DC6 da Panamerican na época para transportar da Califórnia para o Rio de Janeiro. Estava incluído nas despesas, isso foi conseguido e o computador foi transportado do Galeão até a PUC no caminho aberto do Exército.

Eu me lembro disso, eu fui o primeiro que vi isso. Evidente quando passava pelas ruas do Rio de Janeiro foi coisa inédita e finalmente foi instalado. A inauguração estava prevista até 1960. Eu já estava trabalhando nessa ocasião no computador. Durante a instalação física eu não era responsável pela manutenção, eu era responsável pela programação, pelo treinamento dos funcionários, dos analistas da PUC, para manusear o computador.

- Gravação de entrevistas orais com a secretária Maria José Teixeira Soares do Departamento de Física (FIS) e com o fotógrafo Antônio Albuquerque do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

#### 4. Catalogação de documentos:

Cada visita tem como objetivo pesquisar, coletar, selecionar documentos e fotografias encontradas, digitalizando e cadastrando em metadados, como este abaixo:

The screenshot shows a Microsoft Access window titled 'Metadados' with the following fields filled out:

- Código:** h0004
- Título:** Tabelas com dados estatísticos do Departamento de Matemática da PUC-Rio até 1985
- Autores/Criadores:** (empty)
- Assunto:** matemática, mestres, doutores, corpo docente, relações numéricas, IMPA, IME, USP, UNICAMP, UFRJ, UNB
- Descrição:** Relação de mestres formados pelo Departamento de Matemática entre 1971 e 1985 incluindo sua precedência universitária, sua situação e ocupação atuais e seu destino; de doutores entre 1981 e 1985; comparação entre os números de mestres e doutores em várias instituições matemáticas do Brasil (TMPA, TMR, USP, UNICAMP, UFRJ e UNB); e a evolução do corpo docente em exercício entre 1974 e 1985
- Identificador:** (empty)
- Local:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Contribuidor:** (empty)
- Editor/Publicador:** Departamento de Matemática
- Data da Criação:** 1985
- Data de obtenção do documento:** 16/5/2008
- Relações do documento com outros:** (empty)
- Tipo de documento:** Folhas
- Número de Páginas/Tamanho em KB:** 3
- Formato do documento:** (empty)
- Fonte:** Departamento de Matemática
- Idioma:** Português
- Direitos Autorais:** (empty)
- Atual depositário:** Departamento de Matemática

Buttons at the bottom: Gravar, Excluir, Novo registro, Procurar, Cadastrar Imagens

Registro: 208 de 237

#### 4.1 Produção de fichamentos e digitalização dos materiais que foram selecionados:

- Livro: Memória do Fórum de Pró-reitores de Pesquisa e Pós-graduação das Instituições de

Ensino Superior Brasileiras: Vinte e um anos de história (1985-2006);

- Jornal PUC Urgente – do número 01 ao número 253.

4.2 Seleção, digitalização, catalogação e cadastro em ficha de metadados das imagens e documentos cedidos pelos departamentos de Química, de Matemática, de Engenharia Metalúrgica, pelo Projeto Comunicar, pelo NEAM, pela Vice-Reitoria de Desenvolvimento, pelo Decanato do CTC, pela Reitoria e pelo IAG.

## 5. Outras atividades:

- Presença no Seminário de Memória da UFRJ nos dias 15 e 16 de abril de 2008, e no Seminário História e Natureza – Auditório do RDC de 05 a 07/06/08.

### Atividades Individuais: Luciana dos Santos

No período que compreende este relatório (julho de 2007 a agosto de 2008), realizei as seguintes atividades abaixo:

#### 1. Visitas a acervos da PUC-Rio:

- Departamento de Educação (EDU);
- Departamento de Geografia (GEO)
- Centro de Estudos de Telecomunicações da Universidade Católica (CETUC);
- Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (NIREMA);
- Centro de Pastoral Padre Anchieta;
- Departamento de Física (FIS);
- Departamento de Teologia (TEO);
- Departamento de Matemática (MAT);
- Departamento de Engenharia Mecânica (MEC);
- Solar Grandgean de Montigny.

Depois de realizada cada visita, o quadro com os nomes dos Departamentos afixado na sala do Núcleo (302-K), é atualizado para manter em dia as frentes de trabalho que estão ocorrendo. É necessário também descrever o relato de cada visita feita e dos documentos localizados nos arquivos digitais armazenados no diretório do Núcleo de Memória (MPGPUC).

#### 2. Filmagens

- Laboratórios do CETUC e de Física (Van der Graaff) para registrar e identificar os equipamentos mais antigos, identificados pelos funcionários e professores responsáveis..

#### 3. Entrevistas e transcrições:

- Gravação de entrevistas orais com a secretária Maria José Teixeira Soares do Departamento de Física (FIS) e com o fotógrafo Antônio Albuquerque do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

- Transcrição das entrevistas feitas com o senhor Georg Herz – funcionário da empresa Burroughs, responsável pela instalação do primeiro computador na PUC-Rio – e com os professores Amílcar Ferrari (CESGRANRIO), Ana Maria de Azevedo Mota Tepedino (TEO), Sônia Camargo (IRI), Sidney Stuckenbruck (MEC).

#### 4. Catalogação de documentos:

Cada visita tem como objetivo pesquisar, coletar, selecionar documentos e fotografias encontradas, digitalizando e cadastrando em metadados. (ver exemplo anterior)

##### 4.1 Produção de fichamentos e digitalização dos materiais que foram selecionados:

- Livro: ALBERTI, Verena. **Beyond the version; possibilites of narratives in oral history Interviews**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 10f. Trabalho apresentado no XIIIth International Oral History Conference, “Memory and Globalization.” Rome, Italy, 23 – 26 de 2004.

4.2 Seleção, digitalização, catalogação e cadastro em ficha de metadados das imagens e documentos cedidos pelos departamentos de Física, de Educação, de Teologia, de Matemática, pelo Centro Pastoral Padre Anchieta, pelo Projeto Comunicar, pela Vice-Reitoria

de Desenvolvimento, pelo Decanato do CTC; pela Biblioteca Central e laboratórios do Departamento de Física e do CETUC.

### **5. Outras atividades:**

- Presença no Seminário de Memória da UFRJ nos dias 15 e 16 de abril de 2008;
- Presença na Mostra PIBIC de 2007;
- Presença na palestra feita pela professora Margarida de Souza Neves no Departamento de Informática, na inauguração do site do Núcleo de Memória em setembro de 2007 no Decanato do CTC .

### **Relatório Substantivo**

#### **História Oral: Uma busca pela palavra não-escrita.**

##### **A Memória da PUC: Um pouco sobre o acervo.**

A memória da PUC-Rio está fragmentada em documentos oficiais dispersos em seus Departamentos e em outros acervos como, por exemplo, os arquivos da Reitoria. Deve-se ter em mente que a noção de documento histórico está muito além dos escritos oficiais. Para além destes, há também documentos visuais e físicos, como fotografias e objetos, além de lembranças presentes na memória de indivíduos, que nunca chegaram a tomar a forma escrita.

O acervo do Núcleo de Memória comporta as mais variadas formas que um documento pode apresentar. Atualmente, temos dado ênfase a iconografias e a relatos de pessoas relacionadas à universidade. Nosso trabalho como pesquisadoras é buscar esses fragmentos e construir, a partir deles, a memória da instituição.

Muitos dados de grande importância para a construção dessa memória estão presentes nas lembranças de personagens que contribuíram para a consolidação do que hoje chamamos de PUC-Rio. Esses personagens são funcionários, alunos e professores, estejam eles em atividade ou afastados da universidade. A PUC faz parte da vida dessas pessoas, o que significa que elas têm muito a contribuir para a memória que pretendemos construir. O Núcleo de Memória tem como uma de suas atuações a busca por essas lembranças dispersas e a divulgação dessa memória.

Conforme o Núcleo vai se consolidando, aumenta o número de pessoas a ser entrevistado, o que nos faz dar maior atenção a esta forma de construção de memória. Com a divulgação do resultado do nosso trabalho no site da universidade (<http://www.ccpq.puc-rio.br/memoriapos/>), tornou-se comum que pessoas nos procurassem com o intuito de contribuir com o nosso acervo e solicitar nossos registros.

##### **Importância da definição de um foco: as perguntas.**

É de extrema importância que o foco da entrevista seja previamente definido. Se não tivermos em mente qual é o nosso alvo, podemos facilmente perder o rumo, já que o diálogo não é fixo como um documento escrito. As perguntas são a forma através da qual podemos guiar a entrevista, são a materialização de nossos objetivos, de forma a lidarmos melhor com a não-linearidade de uma conversa. [2] O roteiro, todavia, norteia a entrevista, mas não a engessa, sendo um tanto comum, no decorrer das entrevistas, aparecerem novas perguntas, ao passo que outras são descartadas.

É normal que o entrevistado cite nomes próprios e lugares desconhecidos por parte dos pesquisadores. Pensando nisso, além da gravação de áudio, nós escrevemos em um papel tais nomes para facilitar a etapa posterior, a transcrição da entrevista.

##### **Transformação de áudio em texto: a transcrição.**



Tendo o documento em áudio, o próximo passo é transformá-lo em documento escrito. A esta etapa dá-se o nome de transcrição. O pesquisador, enquanto escuta a entrevista em áudio, digita-a em *documento Word*. Não se deve esquecer, porém, que a transcrição é apenas um acessório, sendo a gravação o documento original. [3]

Transcrito o depoimento, este é sujeito à revisão. A coordenadora Sílvia Ilg escuta novamente a gravação enquanto confere o documento escrito. A próxima etapa é enviar a entrevista escrita ao entrevistado para que este faça uma revisão e autorize sua divulgação.

### **Singularidades do trabalho com relatos de memória.**

Os relatos possuem um tom afetivo, sendo esta característica uma de suas singularidades. Percebe-se a emoção na fala dos entrevistados ao relatarem passagens de sua vida.

Para analisar um depoimento oral é preciso considerar a totalidade do documento, incluindo toda e qualquer maneira de expressão por parte da testemunha. Ao transcrevermos o relato, nos preocupamos em assinalar os momentos de silêncio, hesitação, emoção, riso do entrevistado. Mesmo assim, os sentimentos são captados de maneira mais clara através da própria gravação, e está aí o motivo da transcrição não passar de um complemento.

Devemos, no entanto, como nos alerta ainda o historiador Phillipe Joutard [4], reconhecer os limites das fontes orais. É válido aqui ressaltar que tratam-se de limites, e não de fraquezas. Temos aqui, principalmente, a fragilidade da memória, a sua capacidade de esquecimento, suas deformações e sua tendência para lenda e para o mito. São, talvez, esses limites seu principal interesse. Apesar disso, tais limites exigem do historiador que adapte seus métodos de trabalho às características peculiares das fontes orais.

A base da memória é o esquecimento. O pesquisador que trabalha com depoimentos deve incitar as lembranças de quem narra sua trajetória. Trata-se de um processo de construção de memória e, para isso, o pesquisador deve saber questionar para levar o entrevistado a falar o que se quer saber. O narrador deve ser estimulado a contar.

Podem ocorrer, no entanto, alguns imprevistos quando se trata de depoimentos orais. É necessário que as entrevistas aconteçam em locais silenciosos, para que a gravação seja a mais clara possível. Toques de aparelhos ruidosos, como telefones, por exemplo, também prejudicam o desenrolar da entrevista.

Os documentos orais apresentam uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja por pertencerem ao cotidiano – sendo classificadas como insignificantes – seja por serem inconfessáveis. É através da História Oral que se penetra no mundo imaginário ou simbólico, que é tão motor e construtor da história quando o mundo racional [5].

### **Os relatos e sua contribuição ao acervo do Núcleo de Memória.**

A análise dos arquivos escritos, por si só, é insuficiente para compreender a trajetória da PUC, sendo necessário recorrer a depoimentos orais para construir uma história menos incompleta. Simultaneamente, sabe-se que a fonte oral é uma fonte viva e, portanto, inacabada, como a história que está sendo construída. Como historiadores, é necessário que tenhamos consciência de que o que trazemos à tona são versões de determinado fato. Estamos longe – e nem possuímos tal pretensão – de chegar a uma verdade absoluta. Nosso trabalho é o de confrontar as diversas versões para chegar a uma conclusão verossímil, mas não única. A memória está sendo construída no tempo presente. Ora, as perguntas feitas pelo historiador visam responder a questões atuais, que talvez já não sejam tão essenciais no futuro. A memória de uma mesma instituição construída em diversos intervalos de tempo não será idêntica.

Depois de prontos o áudio das entrevistas e sua versão transcrita – devidamente revisada e autorizada –, tornam-se disponíveis a quem tiver interesse. Estando acessíveis, os depoimentos podem ser utilizados para os mais diferentes usos, acadêmicos ou não.

Como indica Verena Alberti [6], o depoimento oral possui a vivacidade típica de documentos pessoais. É alguém que relata a sua experiência, e:

*“sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes”.*

Os depoimentos dão ao nosso acervo essa coloração especial. A narrativa singulariza cada acontecimento e contribui para que possamos vê-lo através de diversos pontos de vista.

O antropólogo Gilberto Velho [7] alude a um aspecto da sociedade moderno-contemporânea que tende a valorizar o indivíduo. Este deixa de estar apenas contido na sociedade para construí-la. Essa emergência de um indivíduo-sujeito faz com que a sua memória ganhe demasiada relevância:

*“Suas experiências pessoais, seus amores, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc. são os marcos que indicam a sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada”.*

Parafraseando o antropólogo, a memória é fragmentada, sendo essencial ao sentido de identidade a organização desses episódios. Através dos depoimentos, o Núcleo de Memória confronta as diversas visões e, desta forma, constrói a identidade da universidade. Uma identidade, no entanto, compatível com o projeto atual. Projeto é a organização de ações visando atingir determinado fim. A memória, com sua visão retrospectiva, e o projeto, com sua visão prospectiva, completam um ao outro e constroem a identidade. Levando em conta o caráter dinâmico de todo e qualquer projeto, a identidade de hoje não será a mesma que a de amanhã.

### **Os relatos e sua contribuição às pesquisadoras do Núcleo de Memória.**

Tendo acesso a esta forma de construir memória, aprendemos bastante sobre sua natureza. Tivemos a oportunidade de operar com seus conceitos geradores. No entanto, nosso aprendizado superou em muito o “pôr em prática”. Após o contato com esta experiência, passamos a olhar de maneira diferente para a PUC-Rio. Cada vez que olhamos para a universidade, enxergamos o seu passado, a sua memória, e isso dá a ela um brilho vital que apenas uma narrativa oral, repleta de afetos e emoções, poderia dar.

**Juliana Cordeiro de Farias e Luciana dos Santos, agosto/2008.**

### **Referências:**

- [1] Pierre NORA. “Entre memória e história : a problemática dos lugares.” IN Revista Projeto História. Nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.
- [2] VILANOVA, Mercedes. “Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais” IN **História Oral e Multidisciplinaridade**; MORAES, Marieta de (org.) Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.
- [3] JOUTARD, Philippe. “Desafios à História Oral do Século XXI” IN **História Oral: Desafios para o século XXI**; ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; MORAES, Marieta de (orgs.) Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- [4] \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

- [5] \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- [6] ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 14.
- [7] VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto” IN **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.